

## ARTIGO

# Manifestações de Racismo e de Preconceito no Cordel Peleja do Cego Aderaldo com Zé Pretinho do Tucum, de Firmino Teixeira do Amaral: Análise de uma Sequência Básica de Leitura

*Manifestations of Racism and Prejudice in Cordel Peleja do Cego Aderaldo with Zé Pretinho do Tucum, by Firm Teixeira do Amaral: Analysis of a Basic Reading Sequence*

Leomar Alves de Sousa\*, Eliane Cristina Testa\*\*

**RESUMO:** Este trabalho analisa uma sequência básica de leitura por meio do cordel Peleja do Cego Aderaldo com Zé Pretinho do Tucum, de Firmino Teixeira do Amaral, desenvolvida numa turma de 8º ano do Ensino Fundamental de uma escola da rede pública estadual. Tal análise tem como objetivo evidenciar e discutir as manifestações de racismo e de preconceito presentes na obra. Metodologicamente, a sequência básica é aquela proposta por Rildo Cosson (2014), em que os sentidos do texto são mobilizados por meio da motivação, introdução, leitura e interpretação. Como fundamentação teórica, utilizamos os seguintes autores: Pinheiro (2012), Bajour (2012), Candau (2003), Leite (2008) e Marinho (2012). A leitura do referido cordel suscitou a priori ao professor duas questões: como o professor pode trabalhar o cordel como proposta de sequência básica de leitura, na disciplina de língua portuguesa? De que modo(s) abordar o tema racismo? Além disso, os alunos manifestaram a indagação: por que o racismo se manifesta no cordel? Essas questões nortearam o desenvolvimento deste texto, que apontou como reflexões sobre como a literatura de cordel pode levar o professor a uma prática docente socialmente significativa, além de possibilitar um modo de potencializar o pensamento crítico do aluno. Como resultado da análise evidenciamos que os alunos tiveram percepção das manifestações de racismo e de preconceito apresentadas no cordel em estudo, se posicionando criticamente diante de tais manifestações.

**PALAVRAS-CHAVE:** Cordel; Peleja do Cego Aderaldo com Zé Pretinho do Tucum; Preconceito e racismo; Sequência básica.

**ABSTRACT:** This work analyzes a basic reading sequence through the Fight of the Blind man Aderaldo cord with Zé Pretinho do Tucum, by Firmino Teixeira do Amaral, developed in an 8th grade elementary school class at a state public school. Such analysis aims to highlight

## Linguagem em Foco

Revista do Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada da UECE

\* Mestre em Ensino de Língua e Literatura (UFT – 2019), graduado em Letras: língua portuguesa e língua inglesa e respectivas literaturas (UFT – 2005) e especialista em língua portuguesa e literatura pela Faculdade Rio Sono (2013). É professor da educação básica na rede estadual de ensino do Tocantins, atuante na Escola Estadual Vila Nova, em Araguaína-TO, onde ministra aulas de língua portuguesa. E-mail: ramoel05@gmail.com

\*\* Doutora em Comunicação e Semiótica (PUC/SP – 2015), Mestre em Letras pela UEL – Universidade Estadual de Londrina (2002). É professora de Literatura Portuguesa do Curso de Letras, da Universidade Federal do Tocantins (UFT/Campus de Araguaína). E-mail: poetisalia@gmail.com

 10.46230/2674-8266-11-2916

Distribuído sob



and discuss the manifestations of racism and prejudice present in the work. Methodologically, the basic sequence is that proposed by Rildo Cosson (2014), in which the meanings of the text are mobilized through motivation, introduction, reading and interpretation. As a theoretical basis, we used the following authors: Pinheiro (2012), Bajour (2012), Candau (2003), Leite (2008) and Marinho (2012). Reading the cordel raised two questions a priori to the teacher: how can the teacher work the cordel as a proposal for a basic reading sequence, in the Portuguese language discipline? How (s) to address the issue of racism? In addition, the students expressed the question: why is racism manifested in the cordel? These questions guided the development of this text, which pointed out as reflections on how cordel literature can lead the teacher to a socially significant teaching practice, in addition to enabling a way to enhance the student's critical thinking. As a result of the analysis, we evidenced that the students had perception of the manifestations of racism and prejudice presented in the cordel under study, being critically positioned before such manifestations.

**KEYWORDS:** Cordel; Fight of Cego Aderaldo with Zé Pretinho do Tucum; Prejudice and racism; Basic sequence.

## 1 CORDEL: DAS ORIGENS HISTÓRICAS À REPRESENTAÇÃO DA CULTURA POPULAR NORDESTINA

Mesmo que a literatura de cordel esteja fortemente associada à cultura popular do nordeste brasileiro, suas origens pertencem ao contexto europeu dos séculos XI e XII, ainda quando em Portugal esse tipo de literatura era conhecido como *folhetos*, por serem impressos em papéis baratos e de pouca qualidade e vendidos em ambientes populares como mercados, feiras e praças. Como os folhetos de cordéis eram expostos à venda pendurados em cordões e barbantes em locais públicos, este tipo de poesia popular ficou conhecido pelo nome de *literatura de cordel*, como destaca Marinho (2012), a seguir:

O folheto vai para as ruas e praças e é vendido por homens que ora declamam em versos, ora cantam em toadas semelhantes às tocadas pelos repentistas. [...] A poesia popular, antes restrita ao universo familiar e a grupos sociais colocados à margem da sociedade (moradores pobres de vilas e fazendas, ex-escravos, pequenos comerciantes etc.), ultrapassa fronteiras, ocupa espaços outrora reservados aos escritores e homens de letras do país. (MARINHO, 2012, p. 18).

Assim, a literatura de cordel, produzida pelo povo e para o povo destaca-se como uma produção literária oral e escrita acessível às camadas mais pobres e constituídas por uma maioria de analfabetos, sem contato com qualquer material escrito como forma de acesso à cultura e ao conhecimento de sua própria realidade social.

Para Sousa (2014, p. 13): “o crescimento desse tipo de literatura, transmitida preferencialmente de forma oral, ocorreu com o surgimento das várias línguas nacionais utilizadas pelo povo em objeção à língua das elites, o latim”. Desse modo, podemos compreender o fato de a literatura de cordel ser concebida como uma literatura de expressão popular através da oralidade em versos.

E também de acordo com Proença (1977):

Os inícios da literatura de cordel estão ligados à divulgação de histórias tradicionais de velhas épocas, que a memória popular foi conservando e transmitindo; são os chamados romances

Revista Linguagem em Foco	Fortaleza, CE	v. 11 n. 2	ISSN 2674-8266
---------------------------	---------------	------------	----------------

ou novelas de cavalaria, de amor, de narrativas de guerras ou viagens ou conquistas marítimas. (PROENÇA, 1977, p. 28).

Além dessas características temáticas, no contexto europeu da Idade Média –, sobretudo em Portugal – o cordel se popularizou por tratar de temáticas diversas relacionadas ao cotidiano do povo, ainda que na época prevalecesse a tradição oral com pouca difusão de materiais escritos. Desse modo, em Portugal, os cordéis eram geralmente produzidos por pessoas escolarizadas da classe média, tais como advogados, professores, religiosos e militares, que se encarregavam de apresentar os escritos de forma coletiva em saraus, popularizando o acesso também às pessoas não alfabetizadas. Situação semelhante registra-se no nordeste brasileiro, quando os cordelistas apresentam seus folhetos nas feiras e em outros eventos populares, promovendo a divulgação oral em massa da literatura de cordel e transformando esse tipo de produção em um dos traços mais característicos da cultura nordestina.

Acreditamos ser importante destacar também o livro *Cavalaria em cordel: o passo das águas mortas* (1979), de Jerusa Pires Ferreira, que vai nos apresentar como os versos populares se apoiam em textos de prestígio de vários tipos oriundos da Europa (as gestas, as novelas de cavalaria e os contos populares) e adaptados em procedimentos que a autora defende ultrapassariam o conceito de intertexto, ratificando, assim, a noção de “contratexto e de matriz virtual” (PIRES, 1993, p. XV).

Quanto à origem e à difusão da literatura de cordel no Nordeste brasileiro, encontramos na obra *Relações de gênero na literatura de cordel*, de Barros (2015), o registro que Recife seria o berço da literatura de cordel no Brasil, e que o florescimento da cultura de cordéis dá-se em meio aos centros rurais e urbanos, com destaque para Recife e João Pessoa. Barros enfatiza que:

Recife, então, constitui-se como importante centro da arte tipográfica do Brasil, base do jornalismo local [...]. Dessa forma, quando os poetas aportaram no Recife, em fins do século XIX e começo do século XX, encontravam as condições técnicas necessárias para a criação e o desenvolvimento da indústria dos folhetos de cordel. O ponto de encontro dos poetas no Recife era o Mercado Público São José, localizado no centro da cidade. Era um lugar tradicional de vendedores ambulantes e de muitos tipos de artistas populares, como mágicos e ventríloquos. (BARROS, 2015, p. 70).

Nesse contexto, as feiras livres, os mercados dos estados das regiões do Nordeste, sobretudo, em Pernambuco, no Ceará, na Paraíba etc. ficaram marcadas como ambientes propícios à circulação de cordéis. Dentre os cordelistas nordestinos representantes dessa literatura de cordel destacam-se os nomes de Leandro Gomes de Barros, Francisco das Chagas Batista, João Martins de Athayde, Moreira de Acopiara, Patativa do Assaré, Silvino Pirauá, Firmino Teixeira do Amaral, só para citar alguns.

Quanto aos temas, os cordelistas dão vasão ao imaginário popular, criando narrativas fantásticas, místicas e religiosas, assim como mantêm vivas as histórias de personagens históricas, entremeando realidade e fantasia de modo a exaltar os feitos destes personagens, prendendo a atenção da plateia nos locais públicos, conquistando admiradores e pessoas que se apaixonavam por esta literatura popular, como afirma Barros (2015, p. 135) que a diversidade temática “vai refletir nas dimensões de espaço e tempo das histórias [...]”.

Com versos metrificados e permeados de humor, as pelejas são um tipo peculiar de cordel que

se popularizou como uma disputa poética e improvisada, geralmente tendo como participantes dois cantadores com seus instrumentos musicais: violas ou rabecas. De acordo com Marinho (2012, p. 27), nas pelejas: “os combates podem seguir para o lado da ciência (exposição de conhecimentos adquiridos com a leitura de livros de Geografia, Astrologia, História...) ou da detração mútua”. Ainda como aponta Barros (2015):

As pelejas (caracterizadas pelos embates envolvendo dois personagens reais ou imaginários em uma disputa poética que simula uma cantoria) e as discussões (embates reais ou fictícios com personagens que não são cantadores, representando uma discussão similar àquelas que ocorrem no cotidiano) são dois tipos de gênero literário que foram bastante populares entre os leitores, sobretudo por carregarem consigo a função de entreter, instruir e divertir, uma vez que, no universo da oralidade do século XX, o melhor modo de aprendizagem consistia no diálogo. (BARROS, 2015, p. 65).

Nestes aspectos, a literatura de cordel, além de ser um recurso de propagação da informação e de conhecimento, é um meio de diversão. Quanto ao aspecto da detração mútua entre os cantadores, as pelejas funcionam como um evento humorístico que leva a plateia ao riso e à torcida por um dos cordelistas cantadores. Por isso, o cordel assume um importante papel social na difusão da cultura brasileira, em especial, a nordestina.

## **2 CORDEL: DIFERENTES POSSIBILIDADES DE ABORDAGENS NO CONTEXTO ESCOLAR**

Do ponto de vista educacional, a poesia, de modo geral, nem sempre se faz presente no contexto da sala de aula, fato este que tira a oportunidade da criança e/ou do adolescente conhecer os múltiplos significados que a palavra assume no texto poético. A poesia em forma de cordel é ainda menos prestigiada pela escola, mesmo sendo rica em expressividade linguística (e cultural), visto que sua produção demanda do cordelista um amplo trabalho estilístico de arranjos com os elementos característicos do texto poético. Por isso, como aponta Pinheiro (2012, p. 95): “Uma grande fonte de poesia, também de circulação oral, esquecida pela escola, foram as sextilhas sobre diferentes tipos de animais. Estrofe muito presente na literatura de cordel, a sextilha tem uma sonoridade muito agradável”.

Desse modo, considerando o que diz o autor, percebemos que a musicalidade presente na literatura de cordel, característica dos versos em sextilhas, facilita o contato com a criança e/ou o adolescente em contexto escolar, uma vez que a poesia pode possibilitar aos alunos uma exploração dos elementos sonoros e rítmicos. Lembrando que os cordéis comumente são produzidos pelo emprego da métrica, afetando diretamente a recepção dos alunos que têm suas sinestesias aguçadas. Além disso, o contato do estudante com o cordel pode potencializar o trabalho com a linguagem, pois diferentes aspectos linguísticos estarão em jogo no cordel e cabe ao professor desenvolver estratégias metodológicas para que o aluno acione a língua de um modo mais vivo e agradável. Ademais, há também toda uma complexidade do imaginário popular e/ou das situações da imaginação dos universos sociais que podem acarretar um aprofundamento da criatividade e da criticidade dos alunos, pois os diversos contextos e temas apresentados nos folhetos de cordel podem fazer emergirem diferentes motivações de encantamentos e de também de problematizações.

Quando a escola desfavorece o contato do aluno com a criatividade do artista cordelista (imbuído

de sua cultura e de seu saber cotidiano), acaba privando-o de conhecer as diferentes histórias fantásticas ou, ainda, os vários fatos históricos, os enredos de bravuras e, acima de tudo, o desoportuniza de conhecer a dura realidade socioeconômica do povo nordestino. Então, é preciso garantir aos alunos o acesso a todas as formas literárias (da clássica à popular) para uma ampliação de saberes e efetivar a noção de acesso à literatura, defendida ferrenhamente por Candido (2017). Portanto, a escola não pode negar este valor que contém força em si mesma.

Em situações de ensino e de aprendizagem em que o currículo escolar orienta sobre a literatura popular, seja na disciplina de língua portuguesa ou por via da interdisciplinaridade, é imprescindível que essa literatura seja abordada como forma de minimizar a exclusão e/ou a marginalização de bens culturais. Assim, no processo de ensino e de aprendizagem aparecem diferentes expressões culturais, principalmente, por meio de uma diversificação textual, podendo garantir, desse modo, tanto um exercício de leitura e de escrita quanto o acesso à pluralidade cultural, lembrando que a maioria das histórias contadas (ou narradas) abordam temas de diferentes áreas do conhecimento humano. Nesse sentido, na área referente às linguagens, a BNCC preconiza o acesso a textos diversificados que sejam propícios ao desenvolvimento linguístico, artístico e cultural do aluno; como estão explícitas no campo artístico-literário, as seguintes orientações:

Campo de atuação relativo à participação em situações de leitura, fruição e produção de textos literários e artísticos, representativos da diversidade cultural e linguística, que favoreçam experiências estéticas. Alguns gêneros deste campo: lendas, mitos, fábulas, contos, crônicas, canção, poemas, poemas visuais, **cordéis**, quadrinhos, tirinhas, charge/ cartum, dentre outros. (BRASIL, 2018, p. 96).

Já no item “habilidade” do documento citado acima preconiza:

(EF67LP28) Ler, de forma autônoma, e compreender – selecionando procedimentos e estratégias de leitura adequados a diferentes objetivos e levando em conta características dos gêneros e suportes –, romances infantojuvenis, contos populares, contos de terror, lendas brasileiras, indígenas e africanas, narrativas de aventuras, narrativas de enigma, mitos, crônicas, autobiografias, histórias em quadrinhos, mangás, poemas de forma livre e fixa (como sonetos e **cordéis**), vídeo-poemas, poemas visuais, dentre outros, expressando avaliação sobre o texto lido e estabelecendo preferências por gêneros, temas, autores. (BRASIL, 2018, p. 168).

Ao analisarmos o que referenda a BNCC (2018), dentre os vários gêneros textuais que se fazem presentes na sala de aula, a partir de uma perspectiva de situações de leitura, de fruição e de produções textuais, verificamos que o documento inclui o cordel nas aulas de língua portuguesa. Por isso, seja pela via das experiências estéticas seja pela ótica da diversidade cultural, o cordel pode ser um campo favorável a participação ativa do aluno.

Ainda que o trabalho com cordel esteja prescrito na BNCC (2018), na prática docente observamos, no mínimo, três fatores que podem dificultar o trabalho com o gênero em questão como: o acervo limitado de cordel nas bibliotecas escolares; ausência deste tipo de texto na maioria dos livros didáticos (tomamos como exemplo a coleção didática adotada na nossa escola) e por se tratar de uma literatura popular, comumente com temáticas relacionadas à região do nordeste, o cordel nem sempre tem seu lugar contemplado na escola (em detrimento da literatura canônica e erudita),

Revista Linguagem em Foco	Fortaleza, CE	v. 11 n. 2	ISSN 2674-8266
---------------------------	---------------	------------	----------------



ratificando, assim, uma situação de exclusão e de marginalização.

Mesmo mediante os fatores apresentados no parágrafo anterior, o professor pode elaborar estratégias metodológicas para contemplar a inclusão do cordel em sua sala de aula, de modo a proporcionar aos alunos um contato significativo com esta literatura popular que tem entre suas características principais a musicalidade (comprovada por meio das rimas e das diferentes sonoridades poéticas) e a expressividade favorecida pelas estrofes e versos. Afora isso, as temáticas de modo amplo relacionam-se à cultura nordestina e à brasileira. Atualmente, os cordéis também apresentam questões urgentes que incidem com questões sociais e políticas contemporâneas, a exemplo das questões de mulheres, trazidas pela cordelista Jarid Arraes (que podem ser acessados no endereço eletrônico “<http://jaridarraes.com/sobre/>”).

A partir de algumas questões problematizadas nos cordéis podemos mediar um percurso de leitura que possibilite discutir temas engajados e/ou ressaltar ainda algumas ideologias dominantes típicas de uma sociedade capitalista. Pelo viés das leituras, mesmo sob os efeitos de mecanismos do riso (ou do escárnio como é característico das pelejas), não podemos descartar sua natureza de criticidade. Desse modo, o cordel pode ser lido além dos muros da escola, uma vez que pode atualizar as inter-relações entre os sujeitos dentro do contexto de uma sociedade complexa. Então, por meio de procedimentos dinâmicos de leitura e interpretação textual, o professor pode sistematizar múltiplos compartilhamentos e diálogos.

Passemos, a seguir, à análise do cordel *Peleja do Cego Aderaldo com Zé Pretinho do Tucum*, de Firmino Teixeira do Amaral, com o intuito de evidenciar o preconceito e o racismo que podem ser problematizados no contexto da sala de aula. Dessa maneira, apresentamos uma leitura analítica, sem descartar, aliás, que outras leituras podem ser feitas. Nesta perspectiva, iniciamos com uma contextualização do cordel em questão. Em seguida, descrevemos a metodologia do trabalho em sala de aula, que consistiu na realização de uma sequência básica, conforme proposta de Rildo Cosson (2014), mobilizando comentários dos alunos.

### 3 APRESENTAÇÃO DO CORDEL *PELEJA DO CEGO ADERALDO COM ZÉ PRETINHO DO TUCUM*, DE FIRMINO TEIXEIRA DO AMARAL

O cordel *Peleja do Cego Aderaldo com Zé Pretinho do Tucum*, de Firmino Teixeira do Amaral<sup>1</sup> foi escrito por volta de 1916. O cordel de Amaral se trata-se de uma *peleja*, como antecipa o título. A peleja é uma *modalidade* de cordel que tem como característica a batalha (pelejas e desafios). Sua linguagem apresenta uma natureza de constituição de oralidade, muito próxima ao repente, com estrofes em forma de sextilha e versos com rimas bastante acentuadas. Mediante tais características, a peleja é uma disputa poética entre dois *contendores* (ênfase dos autores) ou cantadores (já que tem o acompanhamento de viola ou rabeca), que se desafiam através de versos cantados, diante de uma plateia, comumente reunida em locais públicos e abertos. Nestas disputas, os cordelistas ridicularizam-se mutuamente, expondo os

<sup>1</sup> O poeta cordelista Firmino Teixeira do Amaral nasceu em 1896, no município de Bezerro Morto, estado do Piauí. Era cunhado do Cego Aderaldo e através da peleja que criou sobre ele, deu notabilidade ao Cego. Embora tenha escrito poucas obras, a crítica considera de grande valor pelas temáticas que aborda, a exemplo do preconceito e racismo tematizados na *Peleja do Cego Aderaldo com Zé Pretinho do Tucum*.

defeitos um do outro.

Quanto ao enredo, esta peleja tem como narrador-personagem o Cego Aderaldo (cantador branco e famoso nas cantorias nordestinas). Logo na primeira estrofe do cordel, somos convidados a apreciar a “historieta”. Então, temos, desde o início da peleja, um contato com o narrador como podemos constatar na estrofe a seguir:

Apriem meus leitores,  
Uma forte discussão,  
Que tive com Zé Pretinho,  
Um cantador do sertão,  
O qual, no tanger do verso,  
Vencia qualquer questão  
(AMARAL, 2011, p. 5).

Nesse fragmento, ouvimos/lemos a fala de Cego Aderaldo, que apresenta aos leitores o seu oponente: o Zé Pretinho (um cantador do sertão que vencia qualquer questão).

A *Peleja do Cego Aderaldo com Zé Pretinho do Tucum* pode representar um exemplo da manifestação de preconceito e de racismo, porque o personagem Cego Aderaldo utiliza uma linguagem carregada de expressões racistas contra Zé Pretinho. Este, por sua vez, ridiculariza o Cego Aderaldo, devido à sua deficiência visual. E no decorrer do cordel parece haver uma preponderância da superioridade do Cego Aderaldo (que é branco), mas Zé Pretinho não deixa de se defender dos ataques de Aderaldo. Para exemplificar, a seguir selecionamos algumas falas de Zé Pretinho:

Cala-te, cego ruim!  
Cego aqui não faz figura!  
Cego, quando abre a boca,  
É uma mentira pura –  
O cego, quanto mais mente,  
Ainda mais sustenta e jura!  
(AMARAL, 2011, p. 12).

Nesse contexto, verificamos que seus argumentos são ferinos e imbuídos de preconceitos. Na “Apresentação” do cordel em análise, o poeta/cordelista Varnei Nascimento (2011) faz a seguinte observação: “O valor literário dessa obra é imensurável dada a sua capacidade de provocar reflexão em torno do preconceito. O professor pode usá-la em sala de aula no debate dessa chaga ainda presente em nossos dias” (NASCIMENTO *apud* AMARAL, 2011, p. 4). Nesse sentido, percebemos que o valor literário da obra não se perde (nem diminui) por causa do seu tom jocoso, munido de preconceitos e de expressões racistas. Neste viés, esta peleja pode significar um espaço de construção crítica para desencadear percepções acerca do mundo.

Ouçamos/vejamos um outro trecho do cordel, que exemplifica marcas de preconceito e de racismo:

Uma disse a Zé Pretinho:  
A roupa do cego é suja!  
Botem três guardas na porta,  
Para que ele não fuja-  
Cego feio, assim de óculos,

Só parece uma coruja  
(AMARAL, 2011, p. 9).  
[...]

Negro, és monturo,  
Molambo rasgado,  
Cachimbo apagado,  
Recanto de muro!  
Negro sem futuro,  
Perna de tição  
Boca de porão,  
Beiço de gamela,  
Vento de moela,  
Moleque ladrão!  
(AMARAL, 2011, p. 13).

Nos fragmentos acima temos explícitas manifestações de preconceito e de racismo. Na peleja, a personagem Zé Pretinho é construída sob ideias disfóricas, como também acontece com a figura Cego Aderaldo. Assim, podemos dizer que o uso deste cordel, como um instrumento pedagógico, implica compromissos éticos e históricos na mediação do professor. Não cabe mais ao professor-mediador da atualidade eximir-se de questões que são pautas de debates em diferentes espaços sociais.

O racismo contra o negro é uma questão (problemática) grave e séria. Deste ponto de vista, é imprescindível que as escolas favoreçam debates que vão ao encontro de uma desconstrução das visões racistas que, infelizmente, ainda ocupam muitos espaços da sociedade. Como defende, a seguir, Candau (2003):

A escravidão imposta ao povo negro, durante séculos, não só deixou incrustado o racismo em nossa história e constituiu um padrão de dominação que ainda não foi superado, como gravou no inconsciente coletivo a falsa convicção da inferioridade do negro, manifestada sob a forma do *preconceito à brasileira*, ou seja, um preconceito sutil, disfarçado, com vergonha de ser preconceito. (CANDAU, 2003, p. 21).

Como nos alerta Candau (2003), muitas vezes, o preconceito vem travestido de sutilezas e, sob vias de disfarce, de forma histórica, esse enraizamento “incrustado” do racismo deixa no processo cultural fortes marcas. Já no contexto da peleja em questão este passa a representar um espaço de leitura propício para a promoção de debates acerca do preconceito e do racismo. Lembremos que os alunos envolvidos nesse trabalho são leitores em formação. Aqui falamos de uma formação leitora contínua que ultrapassa o ambiente escolar.

Desde seu surgimento, se o cordel serviu (ou serve ainda) de instrumento de alfabetização, como afirma Moreira de Acopiara, em seu cordel “Nos caminhos da Educação” (2005), será que essa peleja não pode ser encarada como uma orientação à ruptura de preconceitos e racismos? Defendemos que sim. Como aponta, a seguir, Vieira e Bustamante (2017, p. 81): “A visão distorcida sobre o peso da cor da pele no Brasil se formou, inicialmente, nos quatro séculos de escravidão, depois no conjunto de atitudes que sucederam a sua abolição e, por fim, na falta de vontade geral de tirar o racismo da sombra”.

Diante da problemática que as autoras nos apresentam, acreditamos (como professores) que a escola possa representar um espaço em potencial para a vontade de mudança, a “vontade geral de tirar o

Revista Linguagem em Foco	Fortaleza, CE	v. 11 n. 2	ISSN 2674-8266
---------------------------	---------------	------------	----------------



racismo da sombra”, por meio de debates e compartilhamentos de ideias.

#### 4 O PONTO DE VISTA DE UMA TURMA DE ALUNOS DE 8º ANO SOBRE A *PELEJA DO CEGO ADERALDO COM ZÉ PRETINHO DO TUCUM*, A PARTIR DE UMA SEQUÊNCIA BÁSICA DO LETRAMENTO LITERÁRIO

Com um intuito de aproximar uma turma de alunos de 8º ano (turma composta por vinte e oito alunos com faixa etária entre 12 e 15 anos, de uma escola pública da cidade de Araguaína<sup>2</sup>) aplicamos uma sequência básica como metodologia de trabalho com o cordel. De acordo com Cosson (2014, p. 51): “A sequência básica do letramento literário na escola [...] é constituída por quatro passos: motivação, introdução, leitura e interpretação”.

Nesse modelo de sequência básica proposta por Cosson, a motivação é o passo inicial em que o professor apresenta o título do texto/livro aos alunos, orientando-os a fazerem suposições sobre o enredo que este contém. Já na introdução, são apresentados dados sobre o autor da obra e também breves comentários sobre a obra selecionada.

O contato direto do aluno com o texto/livro selecionado ocorre no momento da leitura, em que pode ser realizado em sala de aula de modo individual ou coletivo ou fora do ambiente escolar, dependendo da disponibilidade de livros para os alunos. De acordo com a afirmação de Cosson (2014, p. 64): “a interpretação parte do entrechecimento dos enunciados, que constituem as inferências, para chegar à construção do sentido do texto, dentro de um diálogo que envolve autor, leitor e comunidade.”. A partir desses passos é que realizamos a leitura da peleja, buscando levar os alunos à percepção de palavras, expressões e situações que manifestam racismo e preconceito no enredo do cordel.

Ainda conforme Cosson (2014, p. 55) “[a] construção de uma situação em que os alunos devem responder a uma questão ou posicionar-se diante de um tema é uma das maneiras usuais de construção da motivação”. Assim, antes de os alunos terem contato com o cordel de Amaral, os questionamos como entendiam ou percebiam as possíveis relações entre a literatura e as situações da vida real. Alguns alunos responderam que a literatura pode sim apresentar “histórias verdadeiras” que acontecem no mundo real. Consideramos esse bate-papo inicial fundamental para a introdução da *Peleja do Cego Aderaldo com Zé Pretinho do Tucum* pela relevância temática apresentada na obra, por ser propícia à reflexão e à construção da criticidade dos adolescentes.

Para Marinho (2012, p. 126): “Um procedimento metodológico que oriente o trabalho com o cordel terá que favorecer o diálogo com a cultura da qual ele emana e, ao mesmo tempo, uma experiência entre professores, alunos e demais participantes do processo”. Desse modo, ao selecionarmos a *Peleja do Cego Aderaldo com Zé Pretinho do Tucum*, consideramos inicialmente a necessidade de explicitar aos alunos as características do gênero cordel, bem como de pontuar os elementos que caracterizam a peleja como um tipo peculiar de poesia em cordel.

Vale ressaltar que a realização desta sequência básica teve como objetivo maior proporcionar aos

2 A cidade de Araguaína é localizada na região norte do Estado do Tocantins. Segundo estimativa do site do IBGE, em 2019 contava com uma população de aproximadamente 180.470 habitantes. Sua economia é concentrada no agronegócio e no comércio de bens variados. A cidade também é conhecida como centro de ensino superior do estado, tendo mais de 5 universidades que ofertam diversos cursos.

alunos uma aproximação com a literatura popular de cordel, bem como ativar modos de leitura crítica e sensível. A partir da leitura e dos diferentes diálogos, pudemos constatar como os alunos inferiram a questão do preconceito e do racismo, comentando trechos da peleja, da seleção do vocabulário e da forma de tratamento entre dois dos personagens. Pela leitura dos alunos, observamos que não estão alheios às questões políticas e sociais, que implicam em alguns modos de vida de adolescentes, que sofrem com o racismo e o preconceito, em muitos espaços.

Como afirma Souza (2012, p. 98): “Cabe ao professor propor atividades que despertem os estudantes para a reflexão acerca das sensações que o poema lhes provoca para, posteriormente, encaminhar as discussões para diferentes sentidos interpretativos”. Pelo que explicita a autora *a priori*, cabe ao professor instigar os alunos para que estes falem mais das suas impressões pessoais o mais próximo daquilo que poderia sugerir um tipo de leitura subjetiva. Assim, os alunos poderiam se sentir mais livres para expor índices de leitura que contêm posicionamentos ideológicos e subjetivos com suas visões de mundo.

Na introdução da sequência básica, questionou-se aos alunos o que eles conheciam ou sabiam a respeito de literatura de cordel. Como resposta predominante aparece a ideia de que o cordel seria uma “poesia com rimas”, mas nenhum deles apontou ou falou da relação do cordel com a cultura popular nordestina. A partir daí, foram explicadas oralmente as origens e as características gerais da literatura de cordel. Posteriormente, a escolha do cordel *Peleja do Cego Aderaldo com Zé Pretinho do Tucum*, não se deu pelo professor, pois apresentamos alguns cordéis em sala de aula e os alunos da turma tiveram a oportunidade de o escolher.

Na sequência, o cordel foi lido de dois modos: silenciosamente e em voz alta. Toda a sequência básica foi desenvolvida e marcada por discussões e trocas de ponto de vista, uma vez que os diálogos se tornam modos de assegurar as diferentes vozes que compreende o espaço da sala de aula e, assim, os adolescentes podem expressar suas opiniões e sentimentos. Os alunos foram ouvidos com muita atenção e respeito. Lembrando o que diz Bajour (2012) sobre as práticas de leitura, faz-se necessário ouvir nas entrelinhas (BAJOUR, 2012). Portanto, o valor da escuta (mas também da conversa literária) pode ajudar a garantir a efetivação do ensino de literatura, especialmente rumo à construção de encontros e de saberes diversos.

É importante destacar que a biblioteca da escola em que se realizou o trabalho não contém cordéis em seu acervo em um número suficiente para todos os alunos participantes. Por isso, o professor teve que distribuir cópias impressas do texto a eles. E, a partir da leitura (realizada de dois modos, como explicitado no parágrafo anterior) da *Peleja do Cego Aderaldo com Zé Pretinho do Tucum* se enveredou para a interpretação textual. Selecionamos três exemplos de interpretação elaborados pelos alunos e os apresentamos abaixo:

## Interpretação 1:

## Frag. 1

Esse negro foi escravo,  
 Por isso é tão positivo!  
 Quer ser, na sala de branco,  
 Exagerado e altivo-  
 Negro da canela seca  
 Todo ele foi cativo!  
 (AMARAL, p.12)

Interpretação da aluna: “O cego tem muito racismo porque o Zé Pretinho é negro e, no decorrer do cordel, ele vai criticar Zé Pretinho chamando de negro”

Texto de uma aluna de 12 anos.

Na interpretação 1, a aluna foi capaz de evidenciar criticamente e perceber as manifestações de racismo, quando a personagem “Cego” vai inferiorizar Zé Pretinho por causa da cor de sua pele.

De acordo com Paul Singer na pesquisa Radiografia da “democracia racial” brasileira:

[há] farto material estatístico que comprova que os brasileiros de cor estão flagrantemente inferiorizados em termos econômicos e sociais em relação aos brancos. Se não quisermos cair na armadilha do racismo, não há como negar que a discriminação existe e no mínimo ajuda a perpetuar uma situação já centenária de desigualdade racial. (SINGER, 1995, p. 75).

Como aponta a pesquisa acima, podemos incluir o cordel *Peleja do Cego Aderaldo com Zé Pretinho do Tucum* nas situações/manifestações de preconceito e de racismo contra o negro. Diante disso, constatamos que o racismo/preconceito é bastante frequente na sociedade brasileira, bem como em ambientes escolares, mesmo com a sanção da Lei nº 12.288, de 20 de julho de 2010, que instituiu o Estatuto da Igualdade Racial.

Vejamos outra interpretação de um aluno de 14 anos da relação entre Cego Aderaldo e o Zé Pretinho, na peleja:

## Interpretação 2:

## Frag. 2

Esse cego bruto, hoje,  
 Apanha que fica roxo!  
 Cara de pão de cruzado,  
 Testa de carneiro mocho-  
 Cego tu és o bichinho,  
 Que comendo vira o coxo.  
 (AMARAL, p. 11)

Eles se tratam de uma forma muito agressiva, se *chigão* muito, tipo *tisão*, cego amarelo, testa de carneiro, Beijo de Beißola, e eu acho que é muito chato pois o jeito de um *fala* com o outro e preconceito.

Texto de um aluno de 14 anos.

Revista Linguagem em Foco	Fortaleza, CE	v. 11 n. 2	ISSN 2674-8266
---------------------------	---------------	------------	----------------

Na interpretação 2, vimos que o estudante foi capaz de identificar criticamente a relação agressiva entre os dois personagens da peleja. Embora o cordel retrate uma situação fictícia, o estudante adolescente foi envolvido, emocional e criticamente, na relação conflitante dos personagens por meio das expressões carregadas de ofensas. Os termos utilizados servem na peleja para eles se ridicularizarem mutuamente e acabam trazendo para o leitor sentidos de preconceito e de racismo. Ao discutir o tema do preconceito, Leite (2008), a seguir, a autora enfatiza que:

[o] preconceito, diferentemente da intolerância, pode tornar-se uma técnica argumentativa. Do ponto de vista filosófico, o preconceito é um fenômeno que se verifica quando um sujeito discrimina ou exclui outro, a partir de concepções equivocadas, oriundas de hábitos, costumes, sentimentos ou impressões. (LEITE, 2008, p. 27).

Dentro desta perspectiva, Leite (2008) alerta sobre as questões do discurso (que é também um poder de argumentação), que constroem o mundo que nos cerca. Deste modo, posturas socioculturais de discriminação e de exclusão são facetas do preconceito e estão na literatura e na vida. Por isso, todos os dias podemos nos deparar com situações na sociedade que reiteram condutas e discursos hegemônicos imbuídos de ódios, de noções de superioridade e de inferioridade, de preconceitos advindos de longos processos históricos que, infelizmente, ainda se perpetuam nas relações sociais.

Na interpretação 3 a seguir, temos a fala de mais uma aluna:

Interpretação 3:

É um crime nos dias de hoje se alguém praticar racismo ou preconceito e a vítima denunciar o agressor pode até ser preso. No meu ponto de vista essa atitude não deveria existir ainda mais que o nosso Brasil é fruto de uma miscigenação.

Texto de uma aluna de 13 anos.

Em sua análise, a adolescente evidenciou ter noção das tendências legais referentes à coibição das práticas de preconceito e de racismo contra o negro, no contexto brasileiro. Dessa maneira, a aluna foi capaz de indiciar a penalidade a que está sujeita a pessoa que comete atos de preconceitos e de racismos, como regulamenta o artigo 51, do Capítulo IV do Estatuto da Igualdade Racial:

Art. 51. O poder federal instituirá, na forma da lei e no âmbito dos Poderes Legislativo e Executivo, Ouvidorias Permanentes em Defesa da Igualdade Racial, para receber e encaminhar denúncias de preconceito e discriminação com base em etnia ou cor e acompanhar a implementação de medidas para a promoção da igualdade. (Capítulo IV, Estatuto da Igualdade Racial, 2013, p. 36).

Ainda em sua interpretação do cordel, a estudante ressaltou o processo de miscigenação que constitui a base da formação étnico-racial do Brasil marcada pelas relações entre índios, brancos e negros. Quando a aluna faz referência ao processo de miscigenação que caracteriza a formação populacional do Brasil, é válido ressaltar o mito da democracia racial, que por vezes se apresenta como forma de mascaramento do racismo existente contra a população negra brasileira, como se vivêssemos “em um paraíso racial”, como

Revista Linguagem em Foco	Fortaleza, CE	v. 11 n. 2	ISSN 2674-8266
---------------------------	---------------	------------	----------------

nos lembra Gomes (2005, p. 148).

Sendo assim, o comentário da aluna enuncia seu posicionamento político e ideológico que é contrário às práticas de preconceito e de racismo das quais o negro tem sido vítima tanto no enredo da *Peleja do Cego Aderaldo com Zé Pretinho do Tucum* quanto nas relações sociais ao longo da história do Brasil, de modos a descaracterizar o mito da democracia racial, como esclarece Munanga (2010):

O racismo é tão profundamente radicado no tecido social e na cultura de nossa sociedade que todo repensar da cidadania precisa incorporar os desafios sistemáticos à prática do racismo. Neste sentido, a discussão sobre os direitos sociais ou coletivos no sistema legal e, por extensão, no sistema escolar, é importantíssima. (MUNANGA, 2010, p. 53).

Como percepção desse racismo radicado no tecido social, sobre o qual nos fala Munanga, notamos que nos três comentários proferidos pelos alunos após a leitura do cordel *Peleja do Cego Aderaldo com Zé Pretinho do Tucum*, há clara evidência de que esses alunos se posicionaram criticamente contrários às manifestações de racismo e de preconceito presentes no cordel em questão. Desse modo, consideramos ainda, a relevância do desenvolvimento da sequência básica abordando o tema do racismo e do preconceito, junto a estudantes adolescentes em conformidade com o que preconiza Munanga, no que se refere à relevância da discussão dessa temática no ambiente escolar, visando, sobretudo, à construção de atitudes éticas e cidadãs entre os educandos.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ainda que o cordel *Peleja do Cego Aderaldo com Zé Pretinho do Tucum*, de Firmino Teixeira do Amaral, contenha questões de racismo e de preconceito, consideramos ser pertinente colocar o aluno adolescente leitor em contato com este cordel, uma vez que sua leitura pode propiciar reflexões e discussões sobre temas em pauta (com vistas de revisitações) na sociedade brasileira atual. Como lembra Proença (1977), “[...] a literatura de cordel não é apenas imaginação. É também a observação, o comentário, a crítica da vida cotidiana” (PROENÇA, 1977, p. 43). Sendo assim, o cordel de Amaral é um convite à interpretação crítica e aos múltiplos debates, que podem implicar em sensibilizações de valores éticos, políticos e estéticos. Neste sentido, oferecer este cordel ao aluno é um direito ao exercício da cidadania e um meio de abrir espaço para a efetivação de diferentes diálogos, diante da complexidade social e cultural em que vivemos.

(Com)partilhar a literatura de cordel com os alunos e ainda cumprir um requisito como orienta a BNCC (2018), foi algo muito desafiador para nós, sobretudo pela dificuldade de acesso ao cordel (na escola que atuamos) ou pela escassez deste gênero literário no livro didático adotado por ela, na época em que realizamos a atividade. Todavia, não medimos esforços para que os alunos tivessem acesso à peleja e à realização da atividade em sala de aula. A partir da leitura, efetivamos uma proposta de sequência básica. Daí chegamos à conclusão que o trabalho foi potencialmente rico, porque envolveu e afetou os discentes de um modo sensível e crítico e, sem dúvida, trouxe discussões relevantes para suas vidas, lembrando que as leituras literárias seguem muito além dos muros da escola.

Acreditamos que a realização da sequência básica com o cordel *Peleja do Cego Aderaldo com Zé Pretinho do Tucum*, como uma proposta de letramento literário (uma condição favorável à leitura como uma prática social), proporcionou aos alunos um contato significativo com o gênero do cordel, efetivando um exercício em vias de construção de senso crítico que capacite o aluno à percepção das ideologias dominantes na sociedade que, em grande medida, potencializa uma exclusão social e um espaço de marginalização.

Assim como presentes no cordel analisado, as manifestações de preconceito e de racismo, infelizmente, ainda são questões bastante frequentes na sociedade brasileira e que devem ser combatidas veementemente, sobretudo por meio da educação. Desse modo, acreditamos que discutir essas questões na escola é uma forma capaz de proporcionar às crianças e aos adolescentes uma percepção crítica diante do racismo e do preconceito, levando-os a posturas éticas e respeitosas diante das diferenças individuais, em atitudes verdadeiramente cidadãs.

Por fim, e sem pretensões de esgotar este tema e suas possibilidades de interpretação, ressaltamos a necessidade de a escola promover ações de leituras literárias em processos contínuos, em que os alunos possam vivenciar o contato com a literatura e explorar diferentes contextos que, apesar de fictícios, implicam em um *modus vivendi* de tecidos sociais e culturais complexos. Portanto, enquanto professores, é necessário ofertar um maior número de textos literários possível, para que estes se configurem como instrumentos que instiguem e promovam a liberdade, também compreendida por nós como um processo de expansão da consciência humana, lembrando que, para o jovem estudante, este período escolar é muito importante na sua formação leitora que acaba por ultrapassar o ambiente da escola.

## REFERÊNCIAS

- ALVES, J. H. P. Diga um verso bem bonito. In: SILVA, Débora C. S; CAMARGO, Goiandira O.; GUIMARAES, Maria S. B. (Orgs.). *Olhar o poema: teoria e prática do letramento poético*. Goiânia: Cânone, 2012.
- AMARAL, F. T. do. *Peleja do Cego Aderaldo com Zé Pretinho do Tucum*. São Paulo: Luzeiro, 2011.
- BARROS, M. P. *Relações de gênero na literatura de cordel*. Curitiba: Appris, 2015.
- BAJOUR, C. *Ouvir nas entrelinhas: o valor da escuta nas práticas de leitura*. Tradução de Alexandre Morales. São Paulo: Pulo do Gato, 2012.
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa*. Brasília: MEC, 1998.
- \_\_\_\_\_. Secretaria de Educação Fundamental. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília: MEC, 2018.
- CANDAU, V. M. (Org.). *Somos tod@s iguais? Escola, discriminação e educação em direitos humanos*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.
- CANDIDO, A. O direito à literatura. In: \_\_\_\_\_. *Vários escritos*. 6. ed. São Paulo: Duas Cidades, 2017.



COSSON, R. *Letramento literário: teoria e prática*. 2. ed., 4. reimp. São Paulo: Contexto, 2014.

FERREIRA, J. P. *Cavalaria de cordel: o passo das águas mortas*. São Paulo: Hucitec, 1993.

GOMES, N. L. Educação e relações raciais: refletindo sobre algumas estratégias de atuação. In: MUNANGA, Kabengele (Org.). *Superando o Racismo na escola*. 2. ed. rev. Brasília: Ministério da Educação; Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005.

LEITE, M. Q. *Preconceito e intolerância na linguagem*. São Paulo: Contexto, 2008. (Coleção Linguagem e Ensino).

MARINHO, A. C. *O cordel no cotidiano escolar*. São Paulo: Cortez, 2012. (Coleção Trabalhando com... na Escola).

MUNANGA, K. Educação e diversidade cultural. *Cadernos PENESB: Discussões sobre o Negro na Contemporaneidade e suas Demandas*, Niterói, Rio de Janeiro, n. 10, jan./jun., 2010.

PINHEIRO, J. H. Diga um verso bem bonito. In: SILVVA, Débora C. S.; CAMARGO, Goiandira O.; GUIMARAES, Maria S. B. (Orgs.). *Olhar o poema: teoria e prática do letramento poético*. Goiânia: Cànone, 2012.

PROENÇA, I. C. *A ideologia do cordel*. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora Brasília, 1977.

REPÚBLICA, Presidência da. *Estatuto da Igualdade Racial*, Lei nº 12.288, de 20 de julho de 2010. Brasília: Secretaria de Políticas de Promoção da Igualdade Racial, 2013.

SANTOS, Arisvaldo da S. *Literatura de cordel e interdisciplinaridade: rumos da literatura popular no Tocantins*. 2017. Dissertação (Mestrado em Ensino de Língua e Literatura) – Universidade Federal do Tocantins, Palmas, 2017.

SINGER, Paul. Radiografia da “democracia racial” brasileira. In: REIS, Nelson dos. *Racismo cordial: a mais completa análise sobre preconceito de cor no Brasil*. São Paulo: Ática, 1995.

SOUSA, M. R. de. *O cordel na sala de aula: a ressignificação do ensino de língua portuguesa* [manuscrito]. 2014. Monografia (Especialização em Fundamentos da Educação: Práticas Pedagógicas Interdisciplinares) – Universidade Estadual da Paraíba, João Pessoa, 2014.

SOUZA, G. de. Poesia: um castelo e muitas pedras. In: \_\_\_\_\_. *Poesia para crianças: conceitos, tendências e práticas*. Curitiba: Piá, 2012.

VIEIRA, M. C.; BUSTAMANTE, L. Vergonha brasileira. *Revista Veja*, [S.l.], 17 nov. 2017.